

**CORPOS E SENTIDOS EM DISPUTA: OS VERBETES “MULHER” E  
“HOMEM” NO *DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA***

**BODIES AND SENSES IN DISPUTE: THE ENTRIES “WOMAN” AND “MAN”  
IN THE *DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA***

Joyce Palha Colaça <sup>1</sup>

Universidade Federal de Sergipe

Maria Caroline dos Santos Fonseca <sup>2</sup>

Universidade Federal de Sergipe

**Resumo:** O modo como o feminino é enunciado repousa sobre uma memória da condição de “ser mulher”, em nossa sociedade, em contraposição com o “ser homem”. Os dizeres sobre os corpos perpassam, portanto, as diversas textualidades que nos cercam e significam na forma de paráfrases de um mesmo repetível. Neste artigo, temos como objetivo analisar os discursos reproduzidos nos verbetes “mulher” e “homem” em seis edições distintas do *Diccionario de la Lengua Española* (DLE) da *Real Academia Española*. Com base no *corpus* explicitado, propomos observar os sentidos que se repetem na memória sobre o feminino e o masculino, bem como a forma como se dão as mudanças na ordem da enunciação, a partir dos recortes produzidos sobre as definições relacionadas aos dois lemas selecionados para este estudo. Nossa análise está fundamentada nos estudos do campo da Análise de Discurso materialista e da História das Ideias Linguísticas. Após a organização do *corpus* e pela análise empreendida, pudemos compreender, na história e de modo comparativo, como os verbetes analisados reproduzem lugares para os corpos femininos que os delimitam ao espaço doméstico, contrariamente aos corpos masculinos, que podem ocupar, de forma legítima, o espaço público.

**Palavras-chave:** História das Ideias Linguísticas; Dicionário da Língua Espanhola; Mulher; Homem.

**Abstract:** The way in which the feminine is enunciated rests on a memory of the condition of “being a woman”, in our society, as opposed to “being a man”. Therefore, the sayings about bodies permeate the various textualities surrounding us and signify in the form of paraphrases of the same repeatable. In this article, we aim to analyze the speeches reproduced in the entries “woman” and “man” in six different editions of the *Diccionario de la Lengua Española* (DLE) of the *Real Academia Española*. Based on the explicit corpus, we propose to observe the meanings that are repeated in the memory about the feminine and the masculine, as well as the way in which changes occur in the order of enunciation, based on the clippings produced on the definitions related to the two mottos selected for this study. Our Analysis is based on studies in the field of Materialist Discourse Analysis and the History of Linguistic Ideas. After organizing the corpus and through the analysis carried out, we were able to understand, in history and in a comparative way, how the analyzed entries reproduce places for female bodies that delimit them to the domestic space, contrary to male bodies, which can legitimately occupy the public space.

**Keywords:** History of Linguistic Ideas; Spanish Language Dictionary; Woman; Man.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Estudos de Linguagem, Professora Associada de Língua Espanhola na Universidade Federal de Sergipe. Email: [joy.palha@gmail.com](mailto:joy.palha@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestranda em Letras, Universidade Federal de Sergipe. Email: [carolinefonseca5h@gmail.com](mailto:carolinefonseca5h@gmail.com).

**Submetido em 15 de agosto de 2023.**

**Aprovado em 04 de setembro de 2023.**

## **Introdução**

Por volta dos anos 1830, o sistema fabril absorveu muitas das atividades econômicas tradicionais das mulheres. Claro, elas foram libertadas de algumas de suas velhas tarefas opressivas. Ao mesmo tempo, porém, a incipiente industrialização da economia minou o prestígio que as mulheres tinham no lar – um prestígio baseado no caráter *produtivo* e absolutamente essencial de seu trabalho doméstico até então. Por causa disso, a condição social das mulheres começou a se deteriorar. Uma consequência ideológica do capitalismo industrial foi o desenvolvimento de uma ideia mais rigorosa de inferioridade feminina. De fato, parecia que quanto mais as tarefas domésticas das mulheres eram reduzidas, devido ao impacto da industrialização, mais intransigente se tornava a afirmação de que “o lugar da mulher é em casa”.

Na verdade, o lugar da mulher sempre tinha sido em casa, mas durante a era pré-industrial a própria economia centrava-se na casa e nas terras cultiváveis ao seu redor. (...) O lugar das mulheres era mesmo em casa – mas não apenas porque elas pariam e criavam as crianças ou porque atendiam às necessidades do marido. Elas eram trabalhadoras produtivas no contexto da economia doméstica, e seu trabalho não era menos respeitado do que dos seus companheiros (DAVIS, 2016, p. 44-45. Grifos da autora).

Os discursos sobre a mulher se reproduzem nas mais diversas materialidades e são muitos os caminhos que podemos trilhar para compreender os sentidos que se constroem/construíram sobre os corpos femininos, suas formas de agir, ser e se comportar. Neste artigo, temos como objetivo analisar os discursos reproduzidos nos verbetes “mulher” e “homem” em seis edições distintas do *Diccionario de la Lengua Española* (DLE) da *Real Academia Española*. Com base no *corpus* explicitado, se busca observar os sentidos que se repetem na memória sobre um suposto lugar para o feminino e para o masculino, bem como a forma como se dão as mudanças na ordem da enunciação, quais sejam, as definições dos dois lemas selecionados para este estudo.

O pressuposto teórico-metodológico que embasa este trabalho está fundamentado na Análise de Discurso (AD) materialista, considerando principalmente seu encontro com a História das Ideias Linguísticas em estudos no espaço de enunciação brasileiro. Partindo dessa perspectiva, objetivamos desenvolver uma análise que considere o entrelaçamento das questões de terminologia e de discurso, tendo em conta os verbetes em sua historicidade, na sua relação com o interdiscurso, organizando-

os em redes de sentidos que trabalham pela memória dos discursos sobre a mulher nas definições do DLE nas edições analisadas.

### **1. *Diccionario de la Lengua Española*: instrumentos linguísticos e memória**

Ao tomar as reflexões sobre os dicionários como instrumentos linguísticos, é necessário reforçar a proposição de que as definições e os verbetes de um dicionário não são transcrições de sentidos naturais e não estabelecem uma relação direta com algo que existe no mundo. Os dicionários não mantêm organizado um conjunto de sentidos denotativos, mas são construções históricas, que mostram, em sua materialidade, o funcionamento da ideologia. Com isso, é importante compreender que as obras lexicográficas não são somente livros com conjuntos de palavras e acepções, mas resultado de um processo de retomada da memória e do trabalho do ideológico, reproduzindo os sentidos que circula(va)m no tempo histórico e no espaço de enunciação em que são/foram produzidos. Além disso, por sua função social (LARA, 1990, p.31) se colocam, imaginariamente, como mantenedores de verdade, apresentando como da ordem da evidência aquilo que está dicionarizado.

Como nos ensina Horta Nunes (2021, p. 326)

A leitura do dicionário disponibiliza assim ao leitor/falante um modo de dizer e pensar, a ser disseminado aos leitores. Deslocando de uma perspectiva referencialista, a análise discursiva descreve a materialidade linguística da definição lexicográfica, remetendo-a às condições históricas de produção dos discursos. Com tendência a elidir o locutor, a definição funciona como um dispositivo a ser apropriado por qualquer sujeito. Diante disso, a leitura que realizamos procura relacionar os enunciados definidores aos discursos em circulação em determinadas conjunturas.

É, portanto, por essa perspectiva discursiva da leitura dos dicionários, que tomando a materialidade linguística em sua relação com as condições históricas de produção e de circulação dos discursos, que nos debruçaremos sobre os verbetes selecionados.

### **2. De A a Z, olhamos o M e retornamos para o H**

Em AD, o trabalho com *corpus* direciona nosso olhar e é nesse trabalho que construímos nosso dispositivo teórico-metodológico. É na construção do objeto, no procedimento de recortar (ORLANDI, 1984) e de de-superficializar o texto para organizar as sequências discursivas que nós como analistas nos voltamos para a teoria

para questionar nosso objeto. Aguilar *et al* (2014) defende que o exercício de escolha do *corpus* já é parte constitutiva da pesquisa, pelo que podemos entender que os gestos de leitura e de seleção do *corpus* já fazem parte do procedimento analítico em AD. Com base nesse pressuposto, seguimos os seguintes passos para a delimitação do *corpus*: (i) seleção do *corpus* a ser trabalhado; (ii) escolha dos dois lemas na versão *online* do *Diccionario Histórico de la Lengua Española* (DHLE) e, também na versão *online* do *Diccionario de la Lengua Española* (DLE)<sup>3</sup>; (iii) seleção das edições a serem trabalhadas: 1780, 1817, 1884, 1992, 2001 e 2020<sup>4</sup>; (iv) nos dicionários, selecionamos as definições referentes aos verbetes “mujer” e “hombre”; (v) e, por fim, a partir desse gesto de organização, selecionamos as definições que mostraram regularidades, pelas quais pudemos organizar o material em redes de sentidos identificadas em nossas análises.

### 3. Folheando dicionários, equivocando verbetes

Em seu trabalho sobre enciclopédias, tomando as reflexões de Horta Nunes (2007), Esteves (2014) afirma que

há entre dicionários e enciclopédias diferentes imaginários daquilo que está sendo tratado: os dicionários abordam a língua; as enciclopédias, os fatos, as ciências, as técnicas. Ambos são instrumentos extremamente atrelados a uma produção imaginária de conhecimento, mas cada um com um repertório de objetos a serem construídos discursivamente na organização dos instrumentos. Ademais, a presença de informação metalinguística na discursivização dos referentes é determinante no funcionamento de dicionários e enciclopédias. (ESTEVES, 2014, p. 67)

Com o objetivo de tratar sobre o funcionamento das enciclopédias, ora comparando-as, ora distanciando-as dos dicionários, o autor nos aponta algumas questões sobre nosso objeto de análise. Para Esteves, os dicionários tratam da língua e apresentam, assim como as enciclopédias, um funcionamento metalinguístico na discursivização dos referentes. A construção dos referentes no dicionário é então histórica, mas produz sobre si um efeito de evidência que tenta se mostrar como

<sup>3</sup>O *Diccionario Histórico de la Lengua Española* (DHLE) é um acervo online que agrupa algumas edições anteriores do *Diccionario de la Real Academia Española*. As versões presentes no site do DHLE - que é de domínio da Real Academia Espanhola - apresenta as obras dos seguintes séculos e períodos: 1780, 1817, 1884, 1925, 1992 e 2001.

<sup>4</sup>O DLE atualmente está em sua 23ª edição, datada de 2014, entretanto, sua versão digital é constantemente atualizada. Considerando esta questão, utilizaremos a data de 2020 e não de 2014 em nossa análise, pois tomamos como *corpus* a versão *online* atualizada no ano de 2020.

atemporal, a-histórico, natural. Dicionários e enciclopédias têm, portanto, objeto e organização distintos, mas podemos afirmar que compartilham similitudes no que se refere ao seu funcionamento como discurso.

Nesta direção, o trabalho do analista do discurso é, portanto, compreender esse funcionamento, visto que “os sentidos são, pois, históricos porque têm memória, porque nela se inscrevem para significar, cabendo ao analista buscar compreender o processo de naturalização de determinados sentidos em detrimento de outros.” (COSTA, 2017, p. 15). Tomando emprestadas as palavras de Pereira, Pacífico e Romão, podemos afirmar que

(...) o sujeito, ao produzir determinados sentidos, silencia outros já que, constituído pela ideologia, acredita que controla os sentidos que faz circular e que ele não poderia significar de outra maneira. O discurso, dessa forma, pode possibilitar tanto uma transformação na ordem vigente quanto a sua manutenção, o que vem ocorrendo nas questões que abrangem os sentidos sobre o feminino. Muitos dos sentidos produzidos sobre a mulher há séculos, ainda se apresentam nos dias de hoje; porém, apontam um deslizamento, um movimento de tensão entre o mesmo e a ruptura. (PEREIRA; PACÍFICO; ROMÃO, 2009, s/p.)

Para proceder a nossa análise, organizamos os verbetes em quadros, com as seguintes divisões: denominação; sequência discursiva; ano de publicação (do DLE). Com essa organização, pretendemos dar visibilidade ao modo como se enlaçam os sentidos que ultrapassam uma edição, para que seja possível dar a ver as paráfrases que se constituem nos eixos da enunciação/formulação.

Nossa organização para análise, portanto, não está feita por edição do DLE, mas é já resultado de nosso gesto sobre a materialidade a partir de direções de sentidos que organizamos em redes. Também nos importa frisar que não nos interessa tratar das materialidades de maneira exaustiva e não pretendemos dar conta de uma suposta completude do que seria a representação sobre “mulher” e “homem” nas edições analisadas, pois não é esse um objetivo deste campo de estudo.

Uma das questões que nos levou a selecionar os dois verbetes em tela foi a relação direta que se estabelece, no fio discursivo, entre “mulher” e “homem”, ou seja, nas próprias definições das acepções do verbe “mulher” o masculino comparece. Assim, ainda que nosso objetivo inicial fosse compreender os sentidos sobre o feminino, foi quando nos debruçamos sobre a materialidade que o dito (imposto) se fez presente, direcionando nosso olhar para o seu Outro. Podemos considerar, portanto, que,

nessas condições, os dicionários funcionam como observatório da subjetividade (HORTA NUNES, 2021) pela forma como significam determinados sujeitos. Por este movimento, buscamos compreender como a mulher é significada em relação ao homem por sua união, pois a noção de casamento é uma constante nas definições encontradas.

**Quadro 1 – Mulher casada com um homem**

Definição	Sequência discursiva (SD)	Ano de publicação
casada; marido;	Muger Se entiende regularmente por la que está <b>casada</b> , con relación al <b>marido</b> . <i>Uxor</i> . <sup>5</sup>	DLE (1780) SD1
casada; marido;	Muger Se entiende regularmente por la que está <b>casada</b> , con relación al <b>marido</b> . <i>Uxor</i> .	DLE (1817) SD 2
casada; marido;	Muger La <b>casada</b> , con relación al <b>marido</b> .	DLE (1884) SD 3
casada; marido;	Muger La <b>casada</b> , con relación al <b>marido</b> .	DLE (1992) SD 4
casada; marido;	Muger Muger <b>casada</b> , con relación al <b>marido</b> .	DLE (2001) SD 5

Fonte: Elaboração autoral.

Parece-nos interessante começar essa análise com a rede de sentidos que vincula a mulher automaticamente a um casamento, pois este é um papel constantemente imposto à mulher.

O espaço destinado à mulher, historicamente, na sociedade, foi a casa e as questões familiares. Sendo assim, já há muitos anos as mulheres ocupam-se do lar, dos afazeres domésticos e da educação dos filhos. Diferentemente do homem, a quem era permitido transitar tanto pelo espaço familiar quanto pelo espaço público, o lugar da mulher era apenas o interior da casa, o que a impossibilitava, quase invariavelmente, de manter-se em um emprego de qualquer natureza, obrigando-a a depender financeiramente do marido. (PEREIRA; PACÍFICO; ROMÃO, 2009, s/p),

Seguindo essa linha, encontramos marcas na língua que não somente mencionam que a mulher possui um casamento, mas que especificam o mesmo: “*es casada com relación al marido*”. Em todas as entradas do quadro anterior, da SD1 à SD5, a figura feminina está vinculada ao marido. Ao tê-lo em conta, podemos compreender uma vinculação direta, que coloca a mulher como patrimônio do marido. “Mulher”, nessas condições de produção, passa a ser enunciada diretamente como “mulher casada”, em uma relação de dependência. A repetição que se apresenta nas diferentes versões do DLE mostra o repetível na história, a estabilização de

<sup>5</sup>A palavra *Uxor* tem origem latina e, segundo se lê no Dicionário Glosbe significa: mulher casada, esposa. Disponível em: <https://pt.glosbe.com/la/pt/luxor>. Acesso em: 10 jul. 2023.

determinados sentidos, a cristalização de um lugar em dicionários de 1780 a 2001, memória institucionalizada.

**Quadro 2 – Homem que é casado**

<b>Definição</b>	<b>Sequência discursiva</b>	<b>Ano de publicação</b>
mí; hombre;	Hombre Marido, hablando la muger; y así se dice: <b>mi HOMBRE</b> hizo esto, <b>mi HOMBRE</b> dixo lo otro. <i>Vir.</i>	DLE (1780) SD 6.
marido;	Hombre . Entre el vulgo lo mismo que <b>MARIDO</b> .	DLE (1817) SD 7.
marido;	Hombre Entre el vulgo, <b>marido</b> .	DLE (1884) SD 8.
marido;	Hombre m. Entre el vulgo, <b>marido</b> .	DLE (1992) SD 9.
marido;	Hombre m. coloq. <b>Marido</b> .	DLE (2001) SD 10.

**Fonte:** Elaboração autoral.

Nesse quadro, são apresentadas as sequências discursivas referentes a uma rede que nomeamos como “Homem que é casado”, ou seja, as acepções que direcionavam para essa vinculação. Na SD 6 se lê sobre a mulher que chama a “seu marido” de homem, “mi hombre”, e, na SD 7, há apenas a menção de que o homem está em um casamento. Ainda que na SD 6 haja a presença do possessivo, o que se lê não é o homem como propriedade da mulher, mas uma construção que enuncia certo orgulho, uma forma de se referir que exalta o homem que fez algo.

Quando tomamos a SD 7 de maneira comparativa com as SD 1, 2, 3, 4 e 5, se nota uma grande discrepância. Nessas, a mulher está sempre enunciada em sua relação com o casamento, com o marido, enquanto o homem é somente marido e não marido com uma esposa. O que não comparece, neste lugar, é relação de propriedade, não é um marido de sua esposa, como pudemos ler nas sequências que tratam do verbete “mulher”. Ainda que o nome “marido” se refira a um homem casado com outra pessoa, nas definições que tratam do “homem”, nos dicionários, a vinculação não está enunciada. No quadro 3, ainda se trata da relação conjugal, colocam-se, ainda, as relações “esposa” e “marido”, como se lê:

**Quadro 3 – Outro membro**

<b>Definição</b>	<b>Sequência discursiva</b>	<b>Ano de publicação</b>
esposa parejafemenina; otromiembro	f. <b>Esposa</b> o <b>pareja femenina</b> habitual, con relación al <b>otro miembro</b> de la pareja.	DLE (2020) SD 11
marido; pareja masculina; otro miembro;	m. coloq. <b>Marido</b> o <b>pareja masculina</b> habitual, con relación al <b>otro miembro</b> de la pareja.	DLE (2020) SD 12

**Fonte:** Elaboração autoral.

Apesar de tratar dos referentes “mulher” e “homem” pelas relações amorosas, este grupo de enunciados estende as relações para um espaço fora da heteronormatividade. Na edição de 2020 do DLE, outra interpretação das relações familiares se apresenta e há uma ruptura na forma como se “pode” definir um vínculo conjugal entre duas pessoas pela inserção de “otro miembro de la pareja”<sup>6</sup>, forma que coloca em jogo a polissemia (ORLANDI, 2009, p. 36) e a possibilidade do mesmo e do diferente, do que se vincula ao já repetível na memória, ao tempo que instaura direções outras de dizer, atualizados pelas condições de produção atuais que nos permitem compreender a dicionarização de sentidos que não compareciam em outros momentos históricos.

Além das relações amorosas, um espaço comumente à mulher é o lar, sendo a casa um cenário recorrente e persistente na associação com a denominação “mulher”.

**Quadro 4 – Dona de casa**

<b>Definição</b>	<b>Sequência discursiva</b>	<b>Ano de publicação</b>
cuida de su hacienda y familia con mucha exacción;	Muger MUGER DE SU CASA . La que tiene gobierno y disposición para mandar y executar las cosas que la pertenecen, y <b>cuida de su hacienda y familia con mucha exacción</b> y diligencia. <i>Mulier domi sollicita.</i>	DLE (1780) SD 13
Muger en la casa;	Hombre El hombre en la plaza, y la <b>muger en la casa.</b> ref. que enseña que así como el hombre tiene, por lo regular, que ganar para la vida fuera de su casa, la mujer debe cuidar en ella de su hacienda.	DLE (1884) SD 14.
cuida de su hacienda y familia con mucha exactitud;	Muger MUGER DE SU CASA . La que tiene gobierno y disposición para mandar y ejecutarlas cosas que le pertenecen, y <b>cuida de su hacienda y familia con mucha exactitud</b> y diligencia. <i>Mulier domi sollicita.</i>	DLE (1817) SD 15
cuida de su hacienda y familia con	Muger de su casa. La que tiene gobierno y disposición para mandar y ejecutarlas cosas que le pertenecen, y <b>cuida de su hacienda</b>	DLE (1884) SD 16

<sup>6</sup> “Outro membro do casal”. (Tradução nossa)

mucha exactitud	<b>y familia con mucha exactitud</b> y diligencia.	
cuida de su hacienda y familia con exactitud;	mujer de su casa. La que tiene gobierno y disposición para mandar y ejecutar los quehaceres domésticos, y <b>cuida de su hacienda y familia con exactitud</b> y diligencia	DLE (1992) SD 17.
Con diligencia se ocupa de los quehaceres domésticos;	mujer de su casa. 1. f. La que <b>con diligencia se ocupa de los quehaceres domésticos</b> y cuida de su hacienda y familia.	DLE (2001) SD 18

Fonte: Elaboração autoral.

Nesse quadro, estão descritas as sequências discursivas que fazem referência às tarefas domésticas e ao cuidado com o lar. Comparecem tais dizeres em cinco das seis entradas analisadas. No lema referente à versão atual do DLE, também foi encontrada essa definição, mas com a marca de uso *desus*. Ou seja, que a mesma está em desuso, o que podemos associar às transformações das relações históricas delineadas por outras formas de dizer sobre a mulher, resultado das disputas históricas protagonizadas pelo movimento feminista. Nesse embate de outras formas de dizer, é preciso destacar as discussões que levantam autoras do feminismo negro, como Angela Davis (2016) e Carla Akotirene (2020), referente às relações entre mulheres e trabalho. Enquanto havia uma discussão propagada pelo feminismo sobre os direitos trabalhistas da mulher, tais autoras destacam que esta não era uma questão para as mulheres negras, que sempre ocuparam espaços fora dos seus lares, trabalhando no cuidado de outras famílias, deixando, muitas vezes, o cuidado de seus filhos.

O pensamento feminista se deu mediante a construção a ferro e águas atlânticas, e a interseccionalidade veio até nós como ferramenta ancestral. Não por acaso, Sojourner Truth, nascida acorrentada ao escravismo, vendida em leilão aos nove anos de idade, junto ao gado, tornou-se pioneira do feminismo negro. Em discurso de improviso *Eu não sou uma mulher?*, proferido em 1851, durante a Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, em Akron, ela denunciou que “ninguém nunca me ajudou a subir nas carruagens, nem pular poças de lama [...], eu tive treze filhos e vi a maioria ser vendida pra escravização”. Nestes fragmentos, a intelectual pioneiramente articula raça, classe e gênero, questionando a categoria mulher universal, mostrando que se a maternagem obrigatória revela um destino para todas as mulheres, seria apropriado ressaltar que os filhos e as filhas das africanas eram vendidos escravizados (AKOTIRENE, 2020, p. 25. Aspas e grifos da autora).

Outra questão que se deve ressaltar é que a reivindicação para o trabalho se fazia, portanto, por parte de mulheres brancas que tinham como ocupação a casa e outras poucas profissões que se dedicavam ao cuidado, como professoras e enfermeiras, por exemplo. As definições que mostram a mulher como dona de casa, do lar, dos

afazeres domésticos apagam as questões de raça e silenciam os corpos que, desde o período escravagista, já ocupavam outros espaços de trabalho.

No que se refere ao lugar da mulher branca, cujo espaço de atuação estava restrito ao doméstico, é possível perceber uma mudança na direção de sentidos, visto que em todos se reproduz o imaginário da mulher comprometida que cuida da sua casa e sua família sem a marca de uso *desus.*, sendo este o papel imposto à mulher, que vem se perpetuando por muitos séculos. No eixo da formulação, o que se lê é o funcionamento dos lugares de memória, instituindo paráfrases na produção do discurso.

**Quadro 5 – Tornar-se mulher**

Definição/Denominação	Sequência discursiva	Ano de publicação
menstruar;	Muger SER MUGER . f. con que se explica haber llegado una moza á estado de <b>menstruar</b> . <i>Viripo tentem ese mulicrem.</i>	DLE (1780) SD 19
menstruar;	Muger SER MUGER . f. con que se explica haber llegado una moza á estado de <b>menstruar</b> . <i>Viro matura.</i>	DLE (1817) SD 20
pubertad;	Mujer La que ha llegado a la edad de la <b>pubertad</b> .	DLE (1884) SD 21
menstruar;	Mujer Ser mujer. fr. Haber llegado una moza á estado de <b>menstruar</b>	DLE (1884) SD 22
pubertad;	Mujer f. La que ha llegado a la edad de la <b>pubertad</b> .	DLE (1992) SD 23
menstruar;	Mujer ser mujer. fr. Haber llegado una moza a estado de <b>menstruar</b> .	DLE (1992) SD 24
pubertad; edad adulta;	Mujer 2. f. mujer que ha llegado a la <b>pubertad</b> o a la <b>edad adulta</b> .	DLE (2001) SD 25
menstruación;	Mujer ser una niña o adolescente. 1. loc. verb. Haber tenido la <b>menstruación</b> por primera vez.	DLE (2001) SD 26
edad adulta;	2. f. mujer que ha llegado a la <b>edad adulta</b> .	DLE (2020) SD 27.
menstruación;	ser mujer una niña o adolescente 1. loc. verb. Haber tenido la <b>menstruación</b> por primera vez.	DLE (2020) SD 28

**Fonte:** Elaboração autoral.

No quadro “Tornar-se mulher”, nosso gesto de interpretação se centrou em organizar os lemas que apresentavam uma relação direta entre menstruar e tornar-se mulher, pelo que se depreende que a figura feminina adulta é aquela que menstrua e que está pronta para a reprodução sexual. É também, pela paráfrase que se diz “menstruar” e “chegar à puberdade”. Ser mulher significa sair do período da infância, delimitando os

sentidos sobre a transformação a um aspecto do corpo feminino, a uma questão biológica. Ser mulher é menstruar, é entrar na puberdade e reproduzir. São silenciadas, neste gesto, as mulheres que não menstruam, seja por questões biológicas, seja por sua transgeneridade.

**Quadro 6 – Tornarse homem**

<b>Definição</b>	<b>Sequência discursiva</b>	<b>Ano de publicação</b>
entrar a la polla;	Hombre HACERSE HOMBRE . f. En el juego del hombre es lo mismo que <b>entrar a la polla</b> . <i>In ludo chartarum præcipuas partes agere.</i>	DLE (1780) SD 29.
edad viril ó adulta;	Hombre . El que ha llegado a la <b>edad viril o adulta</b> .	DLE (1817) SD 30.
edad viril ó adulta;	Hombre El que ha llegado á la <b>edad viril o adulta</b> .	DLE (1884) SD 31.
edad viril o adulta;	Hombre m. El que ha llegado a la <b>edad viril o adulta</b> .	DLE (1992) SD 32.
edad adulta;	Hombre 3. m. Varón que ha llegado a la <b>edad adulta</b> .	DLE (2001) SD 33.
edad adulta;	3. m. Varón que ha llegado a la <b>edad adulta</b> .	DLE (2020) SD 34.

**Fonte:** Elaboração autoral.

Neste grupo de sequências, é possível notar a diferença do que é tornar-se homem. Enquanto na tabela 6 tornar-se mulher estava automaticamente ligado com o fato de menstruar, virar homem está relacionado ao menino – que em breve se tornará homem – em jogar e praticar atividades de aposta, como apresentado na SD 10, em que “entrar a lapolla” tem relação com jogos praticados por homem relacionados a aposta.

Ao realizar a busca da entrada “polla”, encontramos as seguintes acepções: jogo de homens em que há aposta, o animal galinha, e uma mulher jovem, além de uma maneira vulgar de chamar o órgão sexual/ biológico masculino. O discurso machista se materializa nas referências que são colocadas pelo trabalho da memória (PÊCHEUX, 2007) do que é tornar-se homem. Tornar-se mulher se põe como uma questão biológica, ao passo que para o homem é uma entrada na vida social.

No quadro seguinte, estão postas as sequências discursivas cujos dizeres remontam à “mulher da vida airada”.

**Quadro 7 – Mulher da vida airada**

<b>Definição</b>	<b>Sequência discursiva</b>	<b>Ano de publicação</b>
ramera;	Muger MUGER DEL PARTIDO Lo mismo que <b>RAMERA</b> . <i>Mulier libera, velim pudicæ vitæ.</i>	DLE (1817) SD 35
prostituta; ramera;	Muger MUGER PERDIDA	DLE (1817) SD 36

	La <b>ramera</b> , viciosa, <b>prostituta</b> y de mal vivir. <i>Meretrix, scortum.</i>	
vida airada; mala vida; ramera;	mujer del arte, de la <b>vida airada</b> , del partido, de mala vida, ó de <b>mal vivir</b> . <b>Ramera.</b>	DLE (1884) SD 37
pública; perdida; ramera;	mujer mundana, perdida, o <b>pública</b> . <b>ramera.</b>	DLE (1992) SD 38
arte; prostituta;	mujer del <b>arte</b> . 1. f. <b>prostituta.</b>	DLE (2001) SD 39
punto; prostituta;	Mujer del partido, o <b>depunto</b> . 1. f. <b>prostituta</b>	DLE (2001) SD 40
calle; prostituta;	mujer de la <b>calle</b> 1. f. mujer normal y corriente. 2. f. <b>Prostituta</b> que busca a sus clientes en la calle.	DLE (2020) SD 41

Fonte: Elaboração autoral.

A análise feita nesta rede de sentidos está relacionada às acepções que denominam a mulher em referência à determinada forma de vida, vida airada, leviana, prostituta, mulher da arte. Tais denominações se vinculavam a formas de dizer para todas as mulheres que não eram do lar, pela contraposição que se estabelece nas definições do verbete “mulher” explicitadas no Quadro 1. Com exceção da entrada de 1780, todos os demais lemas das edições do DLE apresentam alguma definição que relaciona a mulher à prostituição, como nos substantivos “ramera” e “prostituta”. Tais definições não se referem somente às mulheres que são profissionais do sexo, mas também fazem referência às mulheres que vivem uma vida sem casamento.

Na leitura destes recortes, nos chama a atenção a edição de 2001, em que se lê: “mulher da arte; prostituta”, definição que não aparece relacionada ao verbete “homem”. Mais à frente, na rede de sentidos “conhecimento masculino”, veremos que, quando relacionado à arte, discursiviza-se um homem inteligente e não um prostituto, ou um homem de má vida.

**Quadro 8 – Homem da vida airada**

<b>Definição</b>	<b>Sequência discursiva</b>	<b>Ano de publicação</b>
Hombre; gente; libre; guapo;	Hombre <b>HOMBRE, GENTE, MUGER Ó PERSONA DE LA VIDA AIRADA</b> . loc. fam. que se dice del que vive <b>libre</b> y licenciosamente, y también del que se precia de <b>guapo</b> y valenton. <i>Perditus, balatro.</i>	DLE (1817) SD 42.
Hombre ó muger;	<b>HOMBRE Ó MUGER DE MALA VIDA</b> . El vicioso y entregado a la vida licenciosa. <i>Luxuriosae vitae homo.</i>	DLE (1817) SD 43.
guapo; valentón;	hombre de la vida airada. El que se precia de <b>guapo</b> y <b>valentón</b> .	DLE (1884) SD 44.
licenciosamente;	hombre de la vida airada. El que vive <b>licenciosamente</b> .	DLE (1884) SD 45.
guapo; valentón;	hombre de la vida airada. El que se precia de <b>guapo</b> y <b>valentón</b> .	DLE (1992) SD 46.
licenciosamente;	hombre de la vida airada. El que vive <b>licenciosamente</b> .	DLE (1992) SD 47.

**Fonte:** Elaboração autoral.

O Quadro 8 foi organizado a partir das sequências que partem do imaginário do “homem da vida airada”. Em uma primeira leitura, o que nos chama a atenção é que apresentam enunciados sobre tal acepção as edições até o ano de 1992, diferente do quadro anterior, que se mantém até o ano de 2020. Também não comparecem, dentre as definições para este grupo, marcas na língua que indiquem que este homem da vida airada seja um profissional do sexo ou que viva de maneira “errada” ou “equivocada”. Ao contrário, se encontra o imaginário de um homem livre, que vive licenciosamente. O que se materializa, neste caso, são sentidos que se vinculam à imagem de um homem rebelde, valentão e até mesmo bonito, como marcado nas edições de 1817, 1884 e 1992.

O quadro que se segue é o menor de nossa análise, em virtude das definições encontradas nas edições visitadas e tal questão, nos parece, está diretamente relacionada ao tema de nosso recorte: o conhecimento feminino.

**Quadro 9 – Conhecimento feminino**

<b>Definição</b>	<b>Sequência discursiva</b>	<b>Ano de publicação</b>
ciencias humanas;	mujer de letras. f. La que cultiva la literatura o las <b>ciencias humanas</b> .	DLE (2001) SD 48.

**Fonte:** Elaboração autoral.

Como se lê no Quadro 9, encontramos apenas uma definição que relaciona a mulher ao campo do conhecimento. Para a AD, o não dizer significa, aquilo que é ausente significa também em sua falta e a ausência de acepções que relacionem a

mulher a conhecimentos acadêmicos e científicos traz à baila a projeção para os lugares e os espaços que ela não pode/ não deve ocupar ou que, imaginariamente, não se espera que ocupe.

O silêncio indica que o sentido pode sempre ser outro e, muitas vezes, o mais importante é aquilo que não se diz (ORLANDI, 1997). A materialidade significativa do silêncio caracteriza-se como sendo diferente da materialidade significativa da linguagem e é esse o principal fator que influencia na maneira pela qual se produz sentido. (PEREIRA, PACÍFICO e ROMÃO, 2009)

Enquanto há uma profusão de definições que relacionavam a mulher ao espaço de tarefas domésticas no Quadro 4, o que não se lê, aqui, é sintoma da repetição do mesmo. A não representação da mulher em áreas do saber reflete a interdição ao espaço público e aos nichos intelectuais formados por uma elite branca masculina em incontáveis séculos.

Como em AD, os sentidos estão em relação a (PÊCHEUX, 1988 [1975]), trazemos para nossa análise um último quadro que trata das definições que tocam em questões acerca do conhecimento masculino, ou, dito de outro modo, da relação estabelecida entre o homem e os espaços de saber de produção de conhecimento.

**Quadro10 – Conhecimento masculino**

<b>Definição</b>	<b>Sequência discursiva</b>	<b>Ano de publicação</b>
LITERATO;	Hombre HOMBRE DE LETRAS . Lo mismo que <b>LITERATO</b> .	DLE (1817) SD 49.
sabio; artes; facultades;	Hombre HOMBRE DE AMBAS Ó DE <b>TODAS SILLAS</b> . met. El que es <b>sabio</b> en varias <b>artes ó facultades</b> . <i>Homo diversis scientiis doctus, peritus.</i>	DLE (1817) SD 50.
mucho; sabe;	Hombre HOMBRE LLENO . met. El que <b>sabe mucho</b> . <i>Valdè sapiens</i>	DLE (1817) SD 51.
BUENAS LETRAS;	Hombre HOMBRE DE <b>BUENAS LETRAS</b> . El versado en letras humanas. <i>Litteratus, litteris humanioribus politus.</i>	DLE (1817) SD 52.
HOMBRE; PERSONA;	<b>HOMBRE, SUGETO, PERSONA, GENTE DE LETRAS</b> . El docto é instruido. <i>Litteratus, eruditus.</i>	DLE (1817) SD 53.
instruído; facultad;	hombre hecho. fig. El <b>instruído</b> ó versado en una <b>facultad</b> .	DLE (1884) SD 54.
sabio; artes; facultades;	hombre de ambas sillas. fig. El que es <b>sabio</b> en varias <b>artes ó facultades</b> .	DLE (1884) SD 55.
buenas letras;	hombre de <b>buenas letras</b> . El versado en letras humanas.	DLE (1884) SD 56.
Literato;	Hombre de letras <b>Literato</b> .	DLE (1884) SD 57.

mucho; sabe;	Hombre lleno. fig. El que <b>sabe mucho</b> .	DLE (1884) SD 58.
derecho; instruido; facultad;	Hombre hecho o hecho y <b>derecho</b> . (Del lat. homo, -ñis.) fig. El <b>instruido</b> o versado en una <b>facultad</b> .	DLE (1992) SD 59.
sabio; artes; facultades.	hombre de ambas sillas. (Del lat. homo, -ñis.) fig. El que es <b>sabio</b> en varias <b>artes</b> o <b>facultades</b> .	DLE (1992) SD 60.
sabe; mucho;	Hombre lleno. (Del lat. homo, -ñis.) fig. El que <b>sabe mucho</b> .	DLE (1992) SD 61.
buenas letras;	hombre de <b>buenas letras</b> . (Del lat. homo, -ñis.) El versado en letras humanas.	DLE (1992) SD 62.
Literato;	hombre de letras. <b>literato</b> .	DLE (1992) SD 63.
dedica; científicas;	hombre de ciencia. El que se <b>dedica</b> a actividades <b>científicas</b> .	DLE (1992) SD 64.
ciencias humanas;	Hombre de letras. 1. m. El que cultiva la literatura o las <b>ciencias humanas</b> .	DLE (2001) SD 65.

Fonte: Elaboração autoral.

De uma maneira contrária ao quadro anterior, lê-se nesse último quadro um grande número de sequências discursivas que definem o homem como possuidor de conhecimentos humanos, científicos, literários e artísticos desde o século XVIII. O lugar do homem das boas letras, das ciências humanas, aquele que sabe muito, conhecedor das artes e faculdades ocupa, no dicionário analisado, um espaço significativo com cinco definições tanto na edição de 1817, como na de 1884, seis definições na edição de 1992 e uma na edição de 2001. Evidencia-se, nesse ponto, o privilégio da representação masculina em diversos âmbitos da vida pública, incluindo-se aí o campo intelectual.

### Considerações finais

Nesse artigo, tentamos percorrer um caminho de análise a partir das relações que se sobrepunham nas textualidades, tomando como ponto de partida os verbetes “mulher” e “homem” nas diferentes edições do DLE. Com essa forma de organização, buscamos dar a ver as materialidades de forma sequencial, evidenciando as relações que se estabeleciam na forma de paráfrases quando se tratava do lugar da mulher imaginariamente projetado nas definições em tela. Na esteira dessa discussão, buscamos mostrar como, de certo modo, o DLE repete lugares de memória do que é ser mulher e institui um lugar diferente para o modo de ser homem. A esse modo de dizer é possível sublinhar o funcionamento de formações discursivas que, por um lado, se apoiam no

patriarcado e, por outro, o reproduzem na forma de evidências sobre o masculino e o feminino ao longo das seis edições do DLE.

Ainda que em nosso gesto de organização do corpus tenhamos catalogado as sequências em dez redes de sentidos, é importante ressaltar que todas nos fizeram visitar os mesmos espaços de dizer: o privilégio do homem branco e a produção de uma imagem de mulher universal, branca, pecadora, impura, imaginariamente posse de outrem, silenciada em sua diversidade. Tal como afirma Lara (1990, p. 39) o dicionário é uma memória da sociedade, e, em uma perspectiva materialista, podemos dizer que as relações de força e as disputas se colocam na linearidade do que se lê.

Considerar os dicionários como instrumentos linguísticos é tomar o que formulou Aurox ao tratar sobre o processo de gramatização das línguas. Para o autor,

A gramática não é uma simples descrição da linguagem natural; é preciso concebê-la também como um *instrumento lingüístico*: do mesmo modo que um martelo prolonga o gesto da mão, transformando-o, uma gramática prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram juntas na competência de um mesmo locutor. Isso é ainda mais verdadeiro acerca dos dicionários: qualquer que seja minha competência lingüística, não domino certamente a grande quantidade de palavras que figuram nos grandes dicionários monolíngües que serão produzidos a partir do final do Renascimento (o contrário tornaria esses dicionários inúteis a qualquer outro fim que não fosse a aprendizagem de línguas estrangeiras). Isso significa que o aparecimento dos instrumentos lingüísticos não deixa intactas as práticas lingüísticas humanas. (AUROUX, 2009, p. 70. Itálicos do autor).

Os dicionários, assim como as gramáticas, dão conta de uma mostra de língua que supera o conhecido de qualquer sujeito, funcionando como ferramentas que trabalham na relação tensa entre o expandir/delimitar/instituir saberes sobre as línguas. Em nosso corpus de análise, foi possível trilhar um caminho de compreensão do *Diccionario de la Real Academia* na sua relação com a história e compreender como, nas textualidades que nele se discursivizam, ser mulher está sempre determinado por algo que está à revelia da própria mulher, seja por sua relação com o marido, pelo espaço que ocupa, ou por uma transformação biológica em seu corpo. Nos discursos que se reproduzem no DLE, a mulher é domínio do outro, sem saber e sem desejo.

## Referências

AGUILAR, P; GLOZMAN, M; GRONDONA, A; HAIDAR, V. ¿Qué es un corpus? In: **Entramados y perspectivas**. Buenos Aires; Ano: 2014 vol. 4, p. 35 – 64.

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro. Editora Jandaíra, 2020. (Coleção Feminismos Plurais).

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Orlandi. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

COLAÇA, J. P. **O discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção**: uma análise dos pronunciamentos de Fidel Castro. 2010. Dissertação. Mestrado em Letras. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. 206 p.

COLAÇA, J. P. SANTOS, N. C. Miss Universo 2019: Zozibini Tunzi e a memória sobre o lugar da mulher negra. In: RODRIGUES, A.; DEUSDARÁ, B.; DIAS, J. P. (Org.) **Discursos em análise do/no presente**. Coleção PPLIN Presente, Vol. 5. Curitiba: Editora CRV, 2023, p. 191-204.

COSTA, T. A. Alguns apontamentos para uma História da HIL na França e no Brasil. In: **Língua e Instrumentos. Linguísticos**. Campinas, SP, n. 44, p.9-34, jul./dez. 2019.

DICIONÁRIO GLOSBE. Disponível em: <https://pt.glosbe.com/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESTEVES, P. M. S. **O que se pode e se deve comer**: uma leitura discursiva sobre sujeito e alimentação nas enciclopédias brasileiras (1863-1973). Tese. Doutorado em Estudos de Linguagem. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. 343 p.

HORTA NUNES, J. **Discurso e instrumentos lingüísticos no Brasil**: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários. Tese. Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. 267 p.

HORTA NUNES, J. O dicionário como observatório da subjetividade no final do século XIX: na província, no campo, na cidade. **Língua e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 24, n. 47, p. 323-346, jan./jun. 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

LARA, L.F. **Dimensiones de la lexicografía: a propósito del diccionario del español de México**. México, DF: El Colegio de México, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988 [1975].

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre. (Org.). **Papel da Memória**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007, p. 49-57.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar? In: *Linguística: questões e controvérsias*. Série Estudos. Uberaba: Publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984, p. 9-26.

PEREIRA, M. C; PACÍFICO, S. M. R; ROMÃO, L. M.S. Os sentidos produzidos sobre a mulher: discurso e silêncio. In: **Espéculo. Revista de Estudios Literarios**. Universidad Complutense de Madrid, 2009. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero42/disilenc.html>. Acesso em: 10 abr. 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Lengua Española** – Versão online. Disponível em: <http://dle.rae.es/?w=diccionario>. Acesso em: 27 jan. 2021.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: **Diccionario Histórico de la Lengua Española** (DHLE) [versão online]. Disponível em: <https://webfrel.rae.es/ntllet/SrvltGUILoginNtletPub>. Acesso em: 10 jul. 2023.